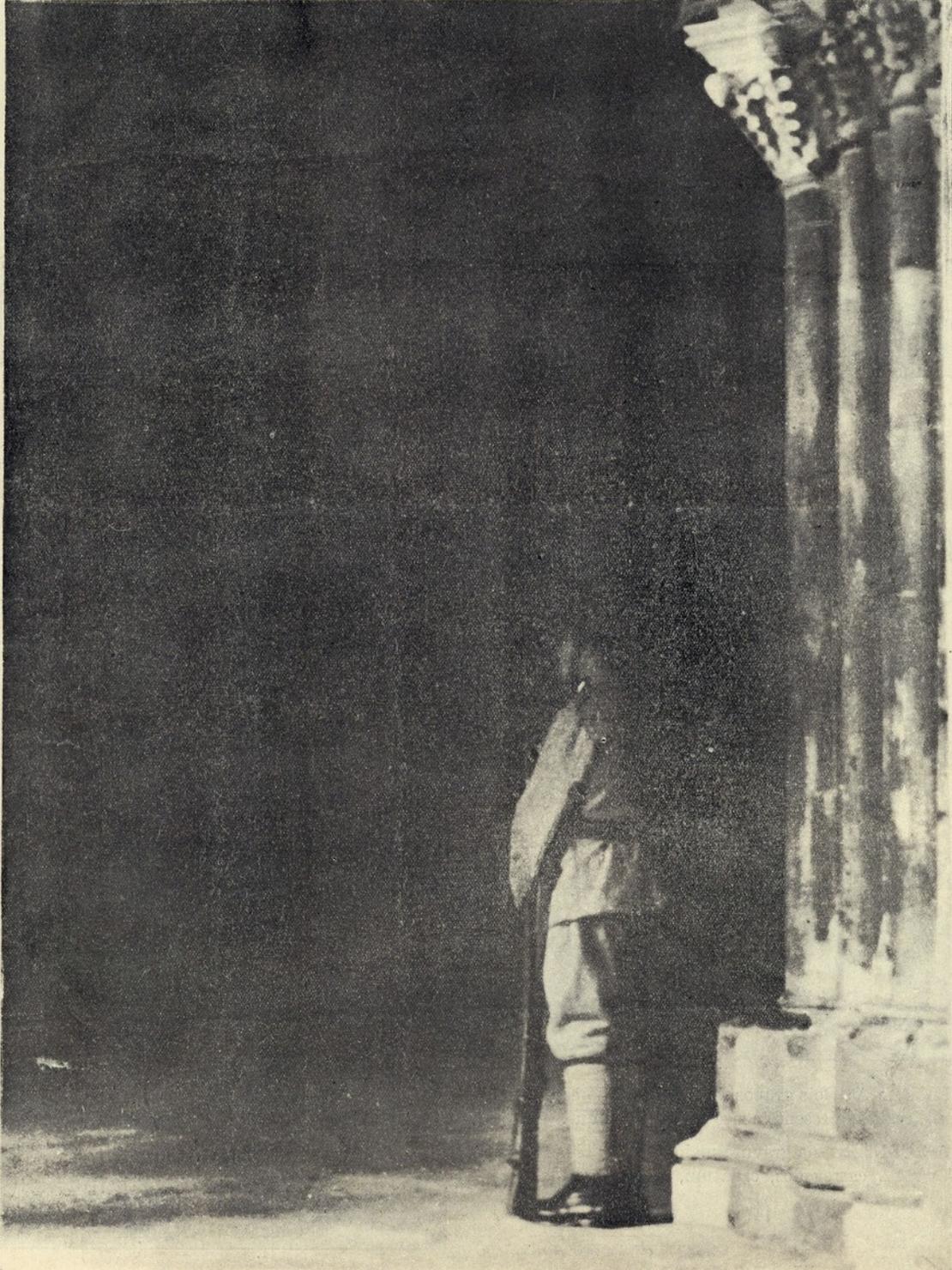
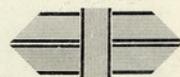
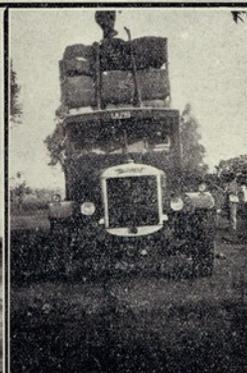
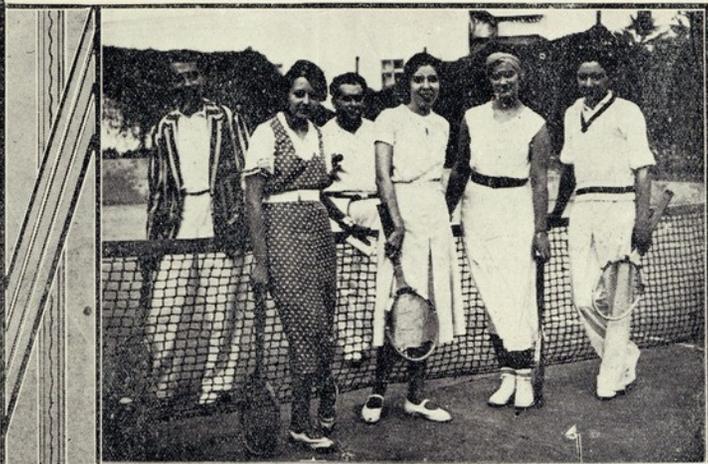
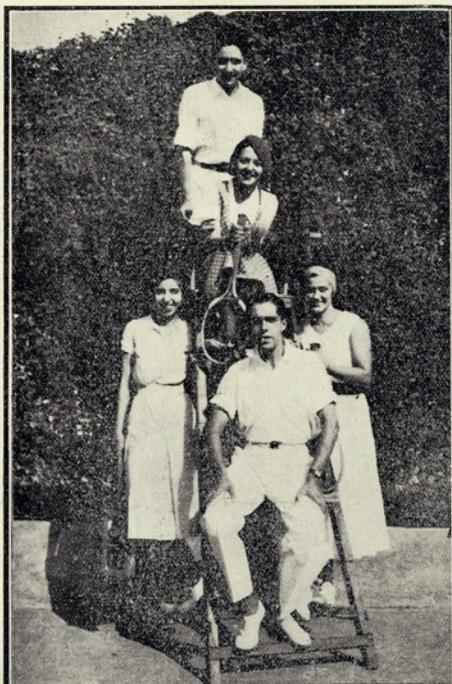
ANO I N.º 16
Número avulso 5$00

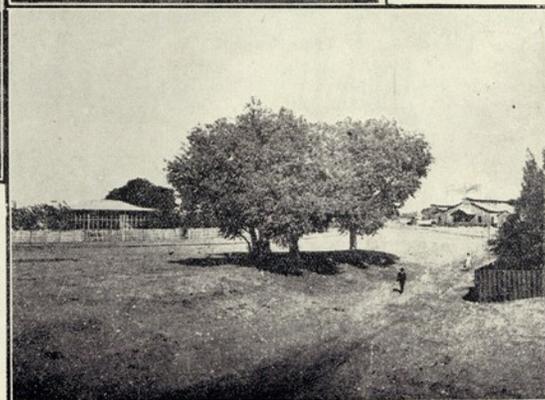
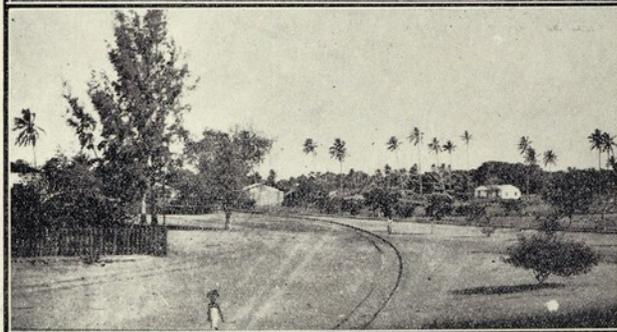
LOURENÇO MARQUES
15 de Novembro de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipografica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

11 DE NOVEMBRO

Página de Moçambique

Nas gravuras pequenas: Dois «Thornicrofts» da carreira Moçambique-Niassa, carregados de tabaco e algodão, na propriedade do agricultor sr. Felismino Fonseca, em Malema.

(Clichés do sr. F. Fonseca)

EM CIMA: Dois grupos dos finalistas do campeonato de tenis, realisado recentemente em Moçambique.

AO CENTRO, na gravura maior: Dois «Thornicrofts» do C. F. M., carregados, cada um, com 6 toneladas de tabaco.

(Clichés do sr. Torres Fontes)

11 de Novembro! Três palavras... Um numero, uma preposição, um substantivo... Uma data — um mundo! Um mundo de idéas, de sentimentos, de paixões... O encerrar de um ciclo de sofrimentos, de torturas, de impiedades, de barbarismos... O fechar de um cinto de metralha... O extinguir de uma fogueira imensa... Um silencio do canhão... Uma Alegria... Um Alivio... O resfolegar ansioso e livre de milhões de peitos desoprimidos... O nascer de um dia sôbre um mundo de destroços, sôbre os escombros de uma obra sinistra, de um crime monstruoso e sem perdão, sôbre os campos talados e pejados de ruinas e de cadaveres... Por isso o sol cobriu a face, horrorizado, no mesmo dia em que a Humanidade, acordando, histerica, do medonho pesadelo de quatro anos, confundia as lagrimas do Sofrimento e do Luto com o pranto enlouquecido da Alegria...

11 de Novembro!! Armisticio! Paz!

Uma data — um mundo! Um ponto final?... Não. Um parêntesis... Infelizmente — apenas um parêntesis... A alegria do Armisticio, a loucura do Armisticio — o arfar ansioso, livre e unisono de milhões de peitos desoprimidos — foi-se, desapareceu como fumo...

O onze de Novembro perdeu já a sua fisionomia, a sua expressão, o seu significado... E' uma data inexpressiva, uma data confusa, vaga, remota, apagada, sem côr, sem sonoridade, sem luz, sem evocação, sem dinamismo, nesta hora tragica em que uma parte da mesma Humanidade, esquecida já de todos os horrores, despojada de todos os remorsos, nos surge, sob a máscara grotesca de uma Paz apregoada, com a mesma face dura de criminalismo, de ambição, de sêde de sangue, de exterminio...

Todos, na Europa, falam na Paz! Todos, na America, falam na Paz! Todos, na Asia e no Extremo Oriente, falam na Paz! A França, a Inglaterra, a Italia, a Alemanha, a Russia, o Japão, a China, os Estados Unidos, todas, todas as nações querem a Paz!...

Ainda ha dias — no 11 de Novembro — o chanceler Hitler, no seu sensacional discurso dirigido a toda a Alemanha e ouvido em todo o mundo, declarou, mais uma vez, que «a Alemanha precisa de paz e pede paz»...

Dias antes, o Japão e a Russia tinham dito o mesmo, pela palavra e pela pena de algumas das suas personalidades mais representativas...

Todavia... neste 11 de Novembro de 1933 — tão diverso e tão distante, ai de nós!, do de 1918! — a Humanidade não ri nem chora de Alegria, não desperta de um pesadêlo horrivel, nem se sente o respirar ansioso, livre e unisono de milhões de peitos desoprimidos...

Não se ouve ainda, é certo, o troar do canhão... Mas sob a máscara grotesca e hipocrita de uma paz apregoada aos quatro ventos, em todos os tons, em todas as linguas, surge-nos a mesma face de criminalismo, de crueldade, de exterminio, de sêde de sangue, de ambição cega, de loucura...

E o que este 11 de Novembro nos evoca não é o 11 de Novembro: o Armisticio, a Paz... Não. E' a Guerra!

O' que ele nos faz visionar — é a Guerra, a guerra proxima, cem vezes mais destruidora e horrivel que a anterior! De todos os cantos do mundo nós vemos marchar, em colunas cerradas, em compactas massas, os exercitos do mundo, a caminho do Inferno da matança... E escondendo, tapando o Sol que fecunda a Terra, voar sôbre os mapas, sôbre os Continentes e sôbre os Oceanos, vertiginosas, as asas ciclopicas do Cataclismo...

\+ +

O Liceu 5 de Outubro — o mais elevado estabelecimento de ensino da Provincia — fechou as suas aulas sôbre o terceiro periodo escolar. Encerrou-se o ano lectivo de 1933. Faltam, apenas, os exames.

Como em anos anteriores, realizou-se a festa de educação fisica do liceu. Foi no domingo, 12 do corrente, no campo de jogos do Sporting, com a assistencia de S. Ex.ª o Governador Geral, do sr. reitor e de grande parte do corpo docente, bem como de uma multidão de pessoas que ali acorreu, cheia de interêsse e de curiosidade pelas demonstrações gimnastas e desportivas dos rapazes e das raparigas daquele estabelecimento de ensino.

Não obstante a contrariedade de um dia por vezes pardo e soturno e de alguns aguaceiros impertinentes, o programa cumpriu-se com muito brilho, abrindo por uma excelente parada de gimnastica, executando os alunos, com impecavel correcção e perfeito ritmo, os movimentos da sua completa lição.

Todas as outras demonstrações — jogos, saltos, ciclismo, «basket-ball» — foram tambem executadas com brilho, mantendo o interêsse do publico até final da interessantissima festa educativa. E, assim, não queremos nem podemos fechar esta sucinta nota sem endereçarmos as nossas mais quentes felicitações aos dois professores organizadores da festa, srs. capitão Ismael Mario Jorge e dr. Carlos de Figueiredo, pelo excelente exito da sua competencia e do seu esfôrço — felicitações que igualmente dirigimos ao sr. dr. Eurico Cabral, dignissimo reitor do Liceu 5 de Outubro. A este acontecimento dedicamos duas paginas dêste numero.

\+ +

Mais um orgão da imprensa local surgiu nesta quinzena. Referimo-nos ao aparecimento do semanario «Democracia». O' lapis vivo de Santana ilustra uma das nossas paginas com uma caricatura alusiva.

A' «Democracia» dirige «O Ilustrado» os seus cumprimentos de boas vindas, desejando-lhe prosperidades e vida longa.

\+ +

Encontram-se no nosso porto, chegados no dia 14, dois submarinos italianos — «Totti» e «Sciesa» — unidades de alto mar, construidas em 1929, nos estaleiros de Cantieri del Mujjiano, em Spézzia. Estes submarinos, modernos, bem apetrechados, que podem submergir-se totalmente em 50 segundos e descer á profundidade de cem metros, andam num cruzeiro em volta de Africa, tendo saido de Spézzia em 14 de Setembro ultimo e devendo regressar ali — sua estação naval — em Março do proximo ano.

Este acontecimento despertou muita curiosidade e interêsse na população citadina, tendo acorrido á ponte-cais imensa gente. «O Ilustrado» foca, numa das suas paginas, alguns aspectos da chegada.

\+ +

O crepusculo, mais: a queda, o tombar miseravel de um Idolo...

«Gandhi — ainda ha pouco alvo da veneração de todo o povo indiano, êsse homem outrora considerado santo pelos seus compatriotas e o maior «leader» mistico dêste seculo, por todo o mundo, deu origem a uma enraivecida manifestação de protesto duma multidão, pelo simples facto de se ter proposto falar num comicio politico, em Nagpur, sem que o seu nome estivesse incluido entre os dos oradores que deviam usar da palavra» — assim o refere um telegrama de Bombaim, de 11 do corrente.

E esclarece mais o telegrama:

«Um chuveiro de ovos podres fez com que Gandhi tivesse que abandonar a tribuna donde ia falar» (!!).

A Humanidade é sempre a mesma, afinal, em todas as latitudes, em todos os pontos do globo e em todas as épocas...

Já Fialho de Almeida escrevia, na «Vida Irónica», a respeito dos reformadores:

«A obra deles é eterna — pois sim! — mas todas as manhãs vêm novos apostolos destruir pela base essa trapalhada de religiões, de filosofias e de morais ditas eternas, fundar a cidade do bem sôbre a estacaria em que os anteriores tinham fundado a cidade do mal: e quando as coisas chegam a uma certa altura, os reformados agarram nos reformadores e trucidam-nos, crucificam-nos, queimam-nos, e não consta que a humanidade seja, aparte alguns maniacos, nem melhor nem pior do que nos primeiros tempos».

Assim é, na verdade. E' isto o que a Historia nos conta, nos ensina a cada passo, desde as eras mais remotas ás mais modernas de todos os povos.

Os reformadores — trucidados, crucificados, queimados, guilhotinados, enforcados, fusilados, lapidados...

Neste Gandhi — o maior «leader» mistico dêste seculo, por todo o mundo, como o acentua o telegrama — o que mais nos impressiona é que não foi lapidado, fusilado, trucidado, guilhotinado, enforcado, crucificado... A queda dêste Idolo é muito mais tragica do que a dos outros — porque é grotesca...

Um reformador, um mistico, um idolo, um santo, cuja palavra não se pode fazer ouvir porque sôbre êle desaba, fetido e conspurcante, um chuveiro de ovos podres!!!...

Inedito! Unico!...

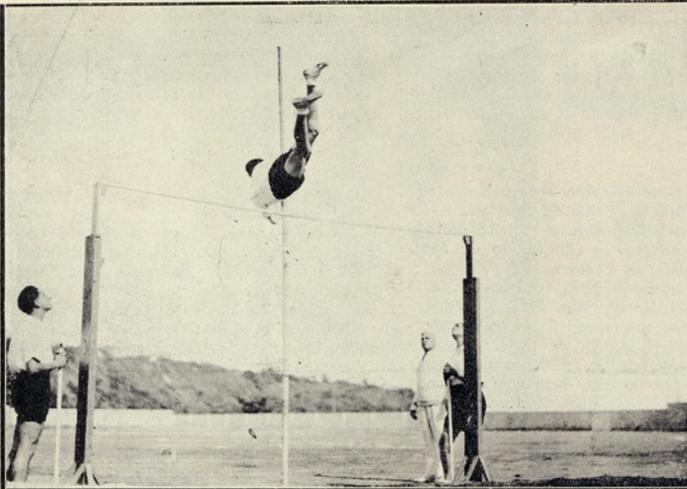
Que mais inventarão os reformados para afundar e reduzir ao nada os seus reformadores, seus idolos e santos de ontem?...

Coincidencia curiosa:

No mesmo dia em que Hitler, o «leader» dos «nazis», o mistico da Alemanha, era escutado, sagrado por milhões de seus compatriotas e ouvido por todo o mundo, em Nagpur, Gandhi — o maior «leader» mistico dêste seculo, que tivera atrás de si a India inteira e se defrontara com a orgulhosa Inglaterra — calava-se e descia ao esquecimento definitivo e ignominioso, sob uma chuva de ovos podres!...

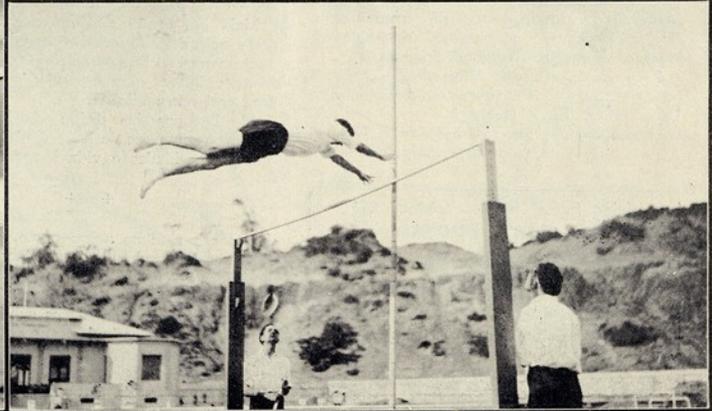
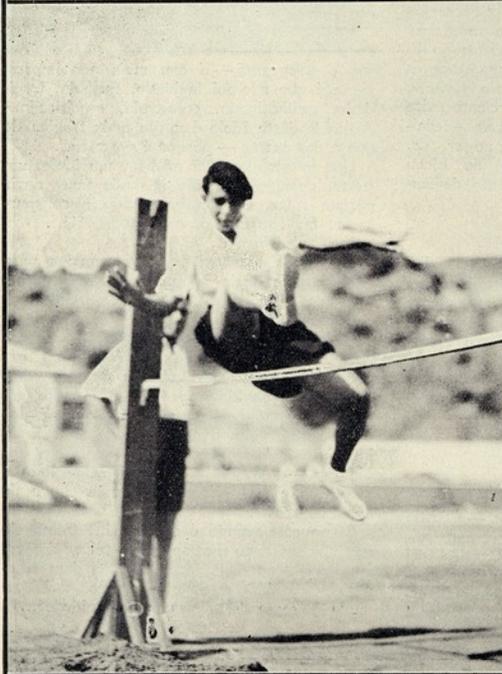
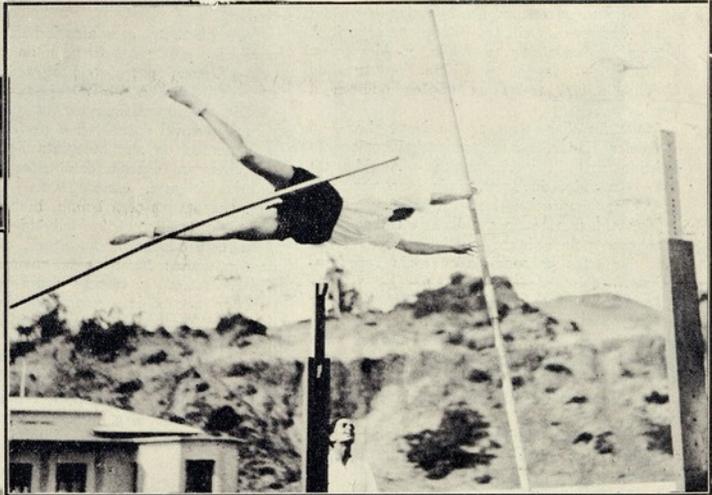
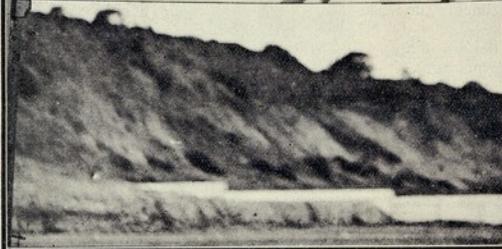
Como este mundo é estranho!... Como ele nos apresenta no mesmo dia — talvez á mesma hora — as duas faces opostas dum mesmo facto, dum mesmo fenomeno social, a dupla máscara desta mesma humanidade!...

S. C.

A FESTA de Educação Fisica DO LICEU

De cima para baixo e da esquerda para a direita: — Rogerio Almeida Dias passa a barra a 2m,80.

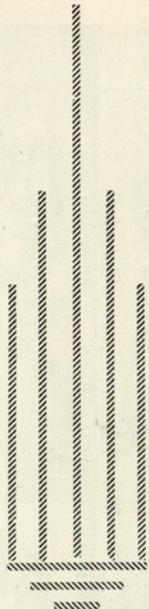
Humberto Soares de Melo num belo salto em altura com corrida.

Maria Manuela de Sousa Costa, a melhor aluna de Educação Fisica do Liceu, passa a barra a 1m,17, num elegante salto em altura com corrida.

Almeida Dias desloca a barra ao tentar igualar o record liceal dos 2m,95, mas passa a admiravelmente a 2m,90.

Curiosidades

Nalgumas regiões do Sul da India e especialmente no distrito de Coimbatore, quando grassa a epidemia das bexigas, fazem-se festividades á deusa «Dravidian». Nessas festividades vários homens e rapazes se sacrificam a arrastar, pelas ruas, pesados carros por meio de grossos anzois presos na propria carne, em geral nas costas. Ao procederem assim — é crendice daquelas populações — esperam conseguir as boas graças da divindade e o consequente e rapido desaparecimento da epidemia.

A nossa gravura — bem impressionante, na verdade — mostra-nos um desses homens sujeitando-se a essa tortura, julgando que com esse sacrificio contribuirá para livrar das bexigas as populações da sua região.

* * *

Um rapaz de Newport (Monmouth) que nasceu sem braços, como a gravura bem o evidencia, Tommie Jacobson — tal é o seu nome — que vive em Mainder Hall, tem 12 anos. Embora tenha nascido sem braços não desanimou por essa sua desgraça e conseguiu corajosamente educar as pernas e os pés pela forma como se está vendo.

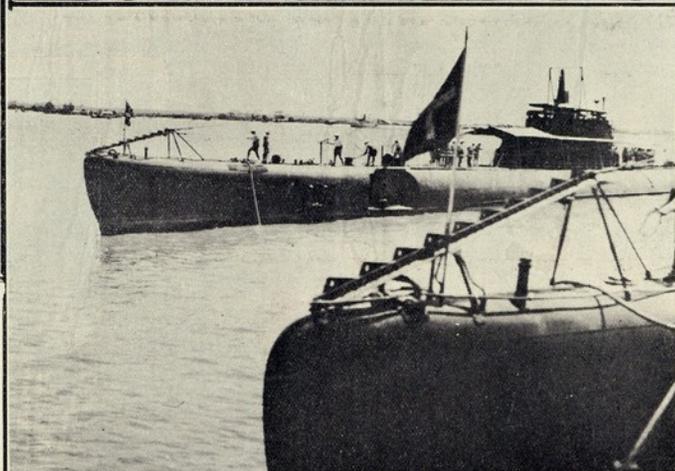
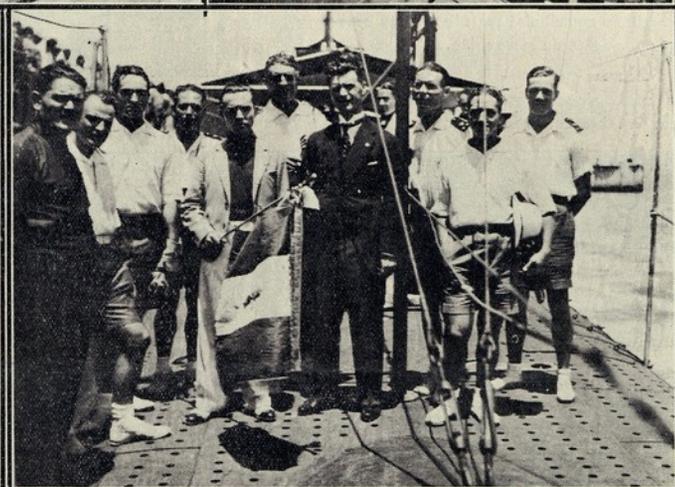
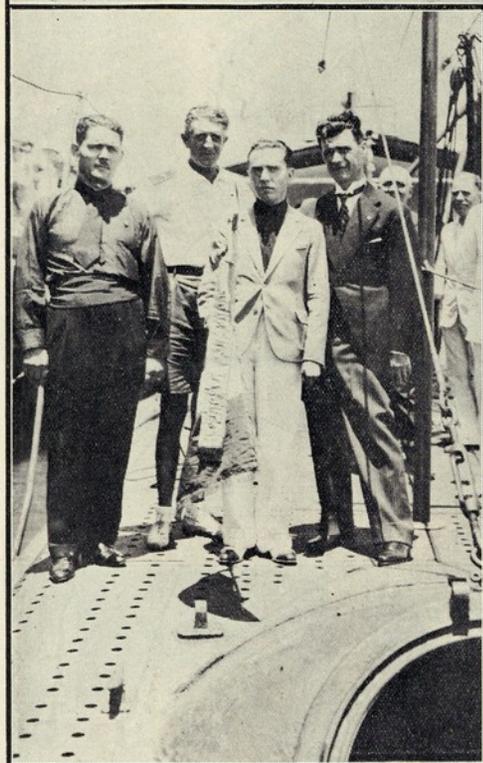
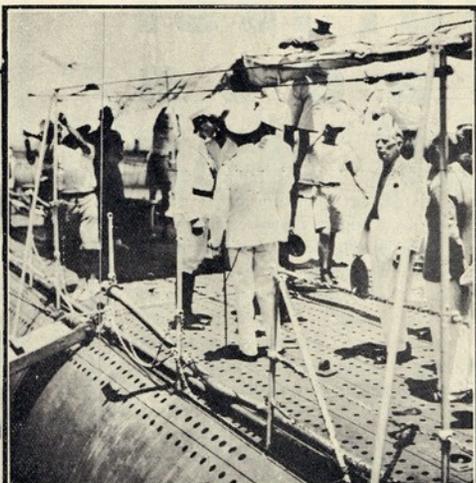
* * *

Agora outro caso curioso:

Há 18 meses o sr. Ghanesh Ramchandra Patkar, de 25 anos de idade, filho de um milionário de Bombaim, foi para a Inglaterra cursar engenharia. Meses depois encontrou miss Jessie Womack Medley, uma rapariga de Sheffield, de 23 anos, filha de um mestre de cutelaria e que trabalhava como enfermeira em um hospital de Manchester. Enamoraram-se um do outro e há nove meses casaram-se.

No dia 28 de Agosto madame Jessie Pathkar foi admitida na religião hindu á qual se converteu. Para isso ela prestou todos os juramentos e prestou-se a todas as cerimonias do rito.

A nossa gravura mostra-nos uma das fazes desses ritos perante o dr. Moonge, presidente da Hindu Maha Sadhra.

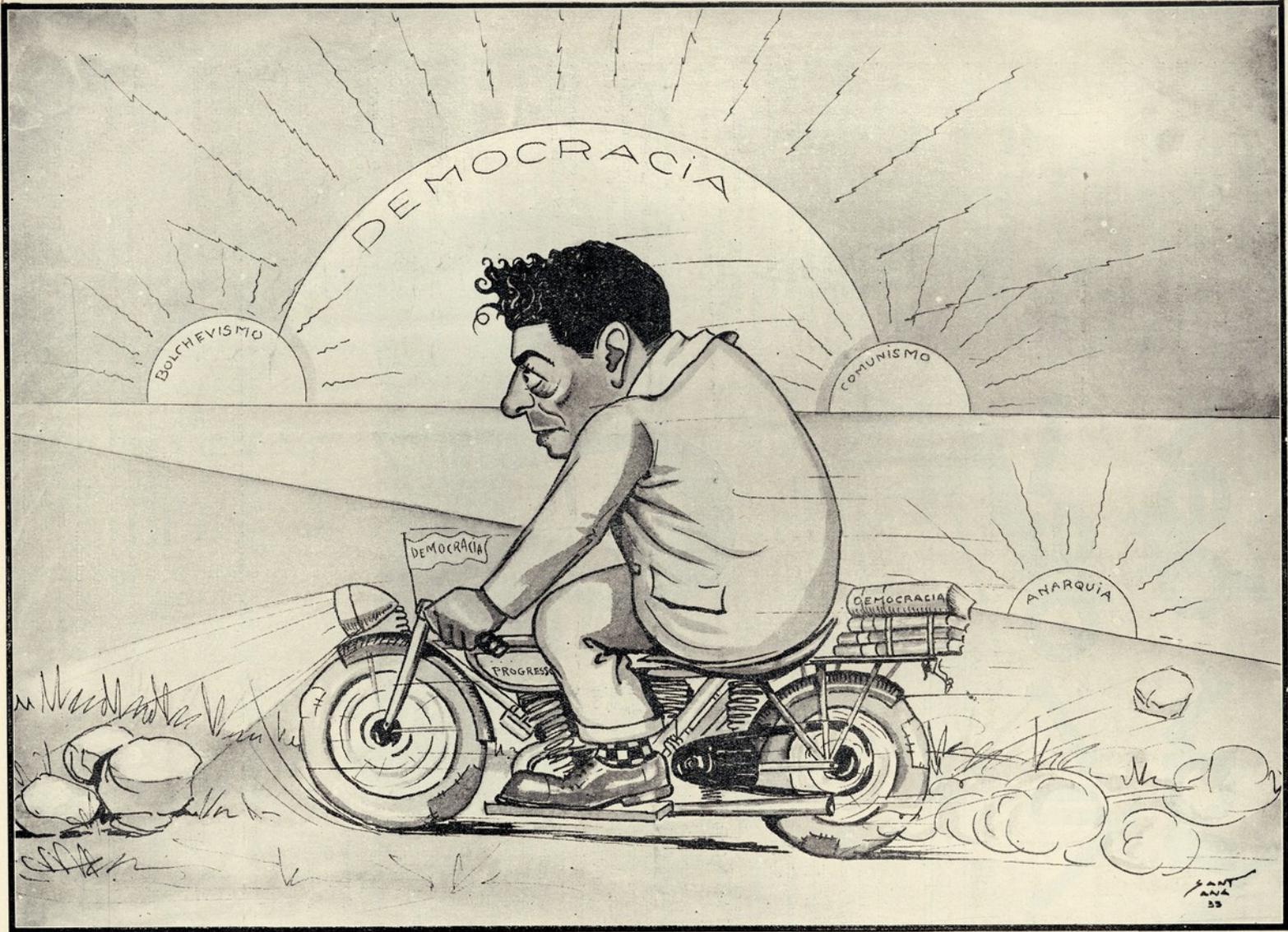
A visita dos submarinos italianos

Em cima, à esquerda — O grupo local do Fascio qne foi à ponte-cais aguardar a chegada dos submarinos, vendo se ao centro o consul de Italia sr. Gaspar Buffa, e o secretario do Fascio.

A' direita — O tenente sr. Fernando Pais, ajudante do sr. Governador Geral, a bordo do «Sciesa» onde foi apresentar os cumprimentos ao sr. Comandante Savio.

Ao centro — O secretario do Fascio local sr. Giuseppe Buffa, o comandante do «Sciesa» capitão de fragata sr. Savio, o porta bandeira do Grugo fascista e o sr. Consul de Italia. Ao lado, o sr. Gaspar Buffa com os oficiais do «Sciesa».

Em baixo — O «Totti» e o «Sciesa».

Imprensa

«Democracia» de moto... pelo menos vai depressa e faz barulho...

conto futil, escrito e ilustrado por ferreirinha

— A Senhora está?

— Sim, está...

— Queira entregar-lhe este cartão.

— Mas é que...

— O quê?

— A Senhora não recebe ninguém.

— Entregue-lhe este cartão, ela me receberá...

— É que eu tenho ordens...

— Mas faça o favor, entregue-lhe o cartão.

Um homem esqualido dialogava deste modo com uma criada, insistentemente. Tinha o rôsto comprido, a barba por fazer, os olhos descaídos, uns grandes olhos sem calor, o aspecto dum pobre diabo como muitos que encontramos na vida e que nos causam dó; que a nossa imaginação doentia logo transforma em personagens de tragedia, quando ás vezes são meliantes corruptos, criaturas sem dignidade social, apenas vivendo na crapula e no vicio, com deleite; na verdade sempre desgraçados.

Aquele dialogo esquisito acabava de transtornar o meu espirito. Ali, a dois passos, eu não era um casual observador daquela cena. Esforçava-me por desvendar o mistério daquela casa, onde vivia uma mulher que eu perseguia apaixonadamente. E a extranha insistencia do homem desconhecido espicaçava-me, agora, a curiosidade, produzindo-me uma inquietação, uma tortura.

Sentia-me arrastado por essa mulher de singular beleza, cujo porte irrepreensivel e quietude esfingica exerciam em mim uma fascinação satanica, uma absorvencia dementada.

Nunca ela consentira na minha aproximação, e se eu esboçava um leve proposito de faze-lo, logo encontrava no seu olhar uma força a intimidar-me e a oprimir-me, acobardando-me dolorosamente...

Aquela mulher tinha o secreto poder de gelar as coisas que a rodeavam...

Hirta, grave, as suas atitudes reduziam-me ás proporções dum colegial pusilanime, arrastando-me como sombra atrás de si...

Vivia só. Ninguem conhecia ao certo a sua vida. Viera para ali, havia mais dum ano, não se sabia donde. Estrangeira era, sem duvida, talvez nórdica, que o seu olhar reflectia de algum modo a sombria paisagem dos «fjodds». E esta nebulosidade aguçava-me deveras a imaginação, supondo-a heroina dum inédito romance perfumado...

Aquele individuo que tão insistentemente

pretendia entrar na sua casa, onde tantas vezes havia penetrado a minha fantasia, no ante-goso duma aventura de amor, e onde raro se abria uma janela, como se fosse desabitada, aquele individuo era o eleito daquela mulher, um amante talvez.

Um mixto de curiosidade e desespero me prendia áquela cena inesperada...

— A Senhora manda entrar — veio dizer a criada, com alegria.

O homem entrou...

Humilhado, ferido no meu amor proprio, ai de mim, sofria as consequencias duma idea obstinada, dum desvairamento. A introdução daquele homem causava-me o efeito dum lôgro, duma burla, duma ofensa á minha dignidade...

Era o lento desmanchar duma ilusão...

Que intimo motivo determinava a entrada do homem esqualido naquela casa, onde tantas vezes a minha imaginação se alojára? Quem era o individuo, o que representava ele, para gozar assim dum acolhimento que eu nunca havia alcançado Não a seguia eu, por toda a parte, significando-lhe o quanto a ambicionava? Como correspondia ela a esta minha suplica, a este meu rastejo?

Com a sua indiferença, com a sua desconcertante severidade, com o seu desprêzo: vexando-me, inferiorisando-me, reduzindo-me a nada.

Quantas torturas, quantas revoltas surgiam no meu espirito alanceado!

Invadia-me, ás vezes, o desejo de lhe gritar:

«Quem és tu mulher?

«Que indiferença e frieza simulas a meus olhos?

«Não sentes na tua carne os mesmos desvarios que nós sentimos?

«Na profundidade do teu ser, não és mais do que barro vil...

«Hipocrita! Hipocrita!

Após estes desesperos, eu caía por fim num abatimento profundo, numa cobardia vergonhosa...

Que nojo, que repugnancia sentia, ante a minha pequenez!

* * *

Um dia, na minha banca de advogado, fez-se anunciar uma Senhora desconhecida, estrangeira, pelo conteudo do cartão de visitas: «Helen Osborn».

Quando a dama entrou, encaramo-nos, tomados de surpreza, de espanto irreprimivel: era a mulher que eu havia seguido obsecadamente, era a esfinge, em cujo seio eu quizera debalde penetrar.

Desde o dia em que aquele homem desalinhado fôra introduzido na sua casa, dando-me a certeza de que não era uma visita acidental, deixei de segui-la. O meu orgulho ferido fez-me esquece-la quási...

Tempos depois, senti ainda uma ligeira perturbação, ao vê-la, ridente, pelo braço do mesmo homem, este aceado e distinto agora. E radicou-se-me, então, a certeza de que a gelada mulher lhe pertencia.

Vi-os mais tarde, algumas vezes, descuidados e alegres, e conjecturava, com frieza, que a esfinge era uma mulher, como todas as mulheres, feita de carne e de paixões; que a minha desvairada inclinação apenas tinha sido o efeito duma curiosidade obstinada — a de penetrar no mistério que a envolvia, enganosamente...

Na minha obsessão por essa mulher perturbadora havia um exagero de sensibilidade e, sem duvida, o morbido desejo de penetrar no cerrado da sua alma, vítima talvez duma alucinação psiquica duma saturação profissional...

Ao vê-la, agora, na minha frente, cerca de mim, eu sentia despertar de novo as mesmas sensações que aquela mulher divina antes havia plantado no meu espirito. Sentia-me ou-

tra vez arrebatado pelo seu mistério, que certamente ia desvendar-se...

Olhava-a fixamente: Ia escutá-la e não perderia o minimo detalhe das suas atitudes, das suas expressões. Palpitava-me que aquela mulher havia de revelar estranhos segredos, qualquer coisa muito impressionante, que bastasse á minha curiosidade doentia...

O meu entusiasmo despertava, o meu peito arfava ancioso...

Aquela mulher exercia no meu espirito a mesma fascinação que o fogo exerce sobre as crianças.

Ao reconhecer-me, não pôde encobrir a contrariedade deste nosso encontro. Logo, porém, recuperou a serenidade, como quem toma uma resolução, e principiou:

— Vim atraída pelo seu belo nome de advogado, disse-me com acento estrangeiro.

— V. Ex.ª dirá...

— É uma questão importante...

— Escuto V. Ex.ª

— Fui casada. Vivi alguns anos com um marido de quem não gostava... Um dia, pobre de mim, conheci um outro homem por quem me apaixonei e que me fez divorciar... No decorrer do meu divorcio o homem da minha paixão teve de fazer uma viagem de negocios, pelo estrangeiro, onde se arruinou. De longe não deixava de me afirmar, contudo, que casaria comigo, apoz o seu regresso... Esperei-o com umo anciedade louca. Livre, já, e na posse dos meus bens, elegi este país, onde sou desconhecida, para nele construir o meu ninho de amor. Chegou por fim o meu querido: Vinha arruinado, quási andrajoso, cheio de fome e doente. Os sacrificios que fizera, para chegar até mim, eram o melhor testemunho da sua dedicação, do

seu desinteresse... Logo lhe coloquei nas mãos os meus haverse. Como prova da minha confiança e do meu acrisolado amor, fiz-lhe doação de tudo quanto tinha. Porém, sob vários pretextos que a minha cegueira não me deixava ver, ele ia protelando o nosso casamento... Quando despertei do engano em que vivia, impuz-lhe, então, que o fizesse, apelando para a sua dignidade, para o seu cavalheirismo, já que não era possivel contar com o seu amor... Como resposta obtive uma negação absoluta e a certeza de que o canalha apenas se fascinára pelo meu dinheiro! Tenho cartas em que ele afirma o seu proposito de casar comigo. Canalha! Posso acaso, Doutor, reclamar pelos tribunais a restituição dos meus haveres?

— Não posso responder tão prontamente a V. Ex.ª. Só vendo uma cópia da escritura de doação e as cartas...

— Tenho-as aqui...

Entregou-me os documentos que analisei, vagarosamente, emquanto ela aguardava sobresaltada a minha resposta.

— Minha Senhora: Sinto muito ter de afirmar a V. Ex.ª que os seus haveres estão irremediavelmente perdidos...

— Irremediavelmente? Canalha!!

Atirou-se para um «maple», a estorcer-se, num desespêro horrivel, chorando nervosamente, convulsamente, alagando-se em lágrimas...

E nunca mais a vi...

Nunca a recordo que não me lembre das tarantulas!... Nunca vejo tarantulas que não me lembre dela!...

E, todavia...

Não sei... Não sei porque é esta associação de idéas, porque estas imagens se associam sempre...

Alucinação estranha, perturbação dos sentidos, descoordenação visual, inversão de figuras, transposição inevitavel...

Se vejo uma tarantula — e tenho visto algumas — logo, na minha frente, se plasticiza, rapido, seu corpo esguio, aquele seu corpo, feito de curvas que pareciam angulos, feito de angulos que pareciam curvas; seus braços nus, compridos, tentaculares, braços morenos que fechavam ceus, braços fatais cavando abismos, abrindo precipicios, espalhando trevas, acendendo infernos; os seus olhos verdes — de um verde de limos — crueis, ferinos, dilacerantes, caindo, como laminas, até ás camadas mais profundas da nossa alma; a sua boca, aquela boca estranha, dum desenho perfeito e regular, que despertava uma esquisita sensualidade, não obstante os seus labios finos — boca que era uma ascensão e uma queda, um calvario e uma ressurreição, um bálsamo e um crime; labios que, fechados, tinham, no esboçar de um sorriso, qualquer coisa de suave, de misterioso, de gioconđesco, e que, no movimento da palavra e á luz crua dos seus olhos verdes, eram feitos de sinuosidades agressivas e malignas...

....

Fui-lhe apresentado numa tarde de inverno, no intervalo dum concerto, no S. Luiz...

Pepita era, então, a amante de Alvaro Del-Rio, um esplendido rapaz que eu conhecera em tempos, com quem privara mesmo e que não via ha anos. Alvaro caira-me de surprêza em Lisboa. Depois dum conflito com um professor, no Porto, resolvera continuar e completar, ali, o seu curso de medicina. E instalara-se. Rico, esbelto, masculo, bem posto, gostando de vestir bem, homem de sociedade, folgazão, insinuante, mixto de sentimental e de boemio, Alvaro possuia todas as qualidades para agradar ás mulheres; e bastas tinham já sido as suas aventuras amorosas, sem que, todavia, qualquer delas tivesse causado profundos estragos na sua alma e na sua vida e o tivesse prendido com aquelas grilhetas que custam a quebrar-se (quando se quebram) e que deixam sempre vestigios que jamais se apagam...

Pepita era, agora — assim mo confidenciou com seriedade e num encantamento — a sua ultima e definitiva aventura. Mais: a sua paixão.

Alvaro tomara de arrendamento um primeiro andar duma casa na Praça da Alegria. Que fôsse eu lá jantar, com êles, no dia imediato. Aceitei. Separámo-nos. Fomos tomar os nossos lugares: êles, lá em baixo, na plateia; eu, num balcão de segunda...

....

Concerto wagneriano... Tristão e Isolda... A Cavalgada das Walkirias... O Crepusculo dos Deuses...

Pepita impressionara-me duma maneira estranha... Vestida de azul electrico, peles cinzentas, chapeu da côr do vestido — com uma «aigrette» que era como que um ponto de interrogação sôbre o futuro... — seu corpo, feito de angulos que pareciam curvas, feito de curvas que pareciam angulos, dera-me logo, desde o primeiro momento, uma idéa inhumana, vaga, indefinida ainda, imprecisa, é certo, mas inhumana... Serpente? Não... Seus braços, aqueles seus braços, compridos, esguios, tentaculares, destruiam por completo a imagem de uma serpente...

Tristão e Isolda... o filtro do amor... encontro de almas... atracção de sexos... gritos da carne... embriaguez dos sentidos... deliquios... infernos... ceus... ancestralidades... murmurios... roncos... garras... veludos... suplicios... paraisos...

E, enquanto o dueto de amor (ora subindo num crescendo aflitivo, ansioso, totalizador e multiplo, ora descendo num smorzando espasmodico e moribundo) arfava, com felinos requintes, na polifonica orquestração da magistral partitura, entre um ambiente tragico de sombrios presagios — passava-me na frente a figura estranha de Pepita: aquele seu corpo, esguio, feito de angulos que pareciam curvas, feito de curvas que pareciam angulos; seus braços morenos, compridos, tentaculares; seus olhos, aqueles olhos verdes — dum verde de limos — crueis, ferinos, dilacerantes; e aquela sua boca estupenda, de um desenho perfeito, que era uma ascensão e uma queda, um calvario e uma ressurreição, um balsamo e um crime...

O azul electrico... as peles... a «aigrette» — uma antena, uma interrogação, um misterio...

Cavalgada das Walkirias... A cavalgada dos desejos... tropel alucinativo... hop! hop! crispações... braços estendidos... braços coleantes... braços hirtos... braços frouxos, caidos, abandonados... mãos tremulas... colos nus... seios turgidos... ancas estatuarias... «jazz-band» da carne... hop! hop! gritos selvagens... trompas... olhos verdes, crueis, ferinos, dilacerantes... boca voluptuosa... sorriso estranho... azul electrico... cabelos negros...

Tarantula...

tentaculos... hop! hop! angulos... curvas... ardencias... chamas... venenos... fatalidade... sinfonia vermelha... fanfarra da volupia... galopada infernal... abismo... hop! hop!...

Foi assim, desta forma demoniaca, por um trabalho tumultuario do inconsciente, por uma perturbação sensorial, por uma alucinante e febril sobreposição de imagens, que ouvi, naquela tarde, a Cavalgada das Walkirias — genial página de musica, maravilha orquestral de som, de côr, de movimento! E foi, ainda assim, neste estado de alma, que eu ouvi o Crepusculo dos Deuses, até final do concerto...

....

Nunca vejo tarantulas que não me lembre dela!... Nunca a recordo que não me lembre das tarantulas!...

Frequentei com certa assiduidade a casa de Alvaro Del-Rio. Ninho de amor, bom gôsto, arte, requinte... Pepita era doida por «bibelots»; e era rara a semana em que Alvaro não lhe satisfazia o capricho de comprar mais um bronze, um marmore, um marfim: reproduções de estatuetas, coisas orientais, etc. Pepita era doida por joias; e com frequencia Alvaro acedia aos seus desejos fulminantes. E eram perolas, brilhantes, ametistas, esmeraldas, rubis... Pepita era doida por vestidos. E eram sedas, veludos, peles, plumas, rendas... Pepita — que tocava razoavelmente mal... — ambicionou um piano. E o piano (para nossa infelicidade...) deu entrada em casa, no proprio dia em que ela o desejou.

Pepita quis um automovel e o automovel comprou-se. Pepita era doida por sociedade, movimento, vida; e um circulo de amigos — embora nenhum deles tão intimo como eu — frequentava-lhes a casa. E eram almoços, chás, jantares, ceias — especialmente ceias... Pepita ambicionou um passeio a Sevilha, pela Semana Santa; e o passeio fez-se... E eu tive que os acompanhar, porque o passeio assim — diziam ambos — era muito mais interessante.

O quarto de cama dos dois, onde algumas vezes entrei quando Alvaro ultimava a sua «toilette» — era um geniceu estranho: sedas, espelhos, veludos, espelhos, quadros e esculturas de nus, perfumes, espelhos... Coisas fofas, macias, morbidas, de côres suaves, predominando a côr de cereja-palida... Um precioso biombo oriental fazia, no quarto amplo, um recanto aninhado, onde uma «chaise-longue» desfalecia, afogada em almofadas... Uma «mascotte», de enorme cabeleira loira, olhava-nos, do alto duma coluna, com seus olhos redondos de coruja ironica ou de ingenua... maliciosa e concupiscente... Por aqui e por ali, abandonados, uns sapatos, umas meias, um vestido, umas ligas, uma camisinha, um chapeu... — coisas atravês das quais, enquanto Alvaro conversava, eu reconstituia involuntariamente (como se o visse totalmente nu) o corpo de Pepita, aquele seu corpo, feito de curvas que pareciam angulos, feito de angulos que pareciam curvas; aqueles seus braços esguios, tentaculares, braços morenos que fechavam ceus...

E quando meus olhos passavam pelos sapatos, pelas meias, pelas ligas, pela camisita... e subiam, por acaso, á «mascotte», os olhos desta não eram os olhos dela, mas os olhos de Pepita, aqueles seus olhos verdes, crueis, dilacerantes, que cortavam, como laminas, a nossa alma, até ás camadas mais profundas... E via aquela boca, a sua boca — uma ressurreição... um calvario... um bálsamo... um crime...

....

E assim seguiu aquela vida um ano... dois anos... três anos... Alvaro, escravo dos sentidos, narcotizado, enlouquecido por aquela boca, aqueles olhos, aqueles braços, aquele corpo, deixou de estudar, arruinou-se, perdeu-se...

Fui encontrá-lo um dia, na «chaise-longue» do quarto, abulico, olhar parado, os labios contraidos num rictus imbecil!...

Pepita deixara-o, fugira... Partira, no dia anterior, com outro, num barco, para Marrocos!...

....

Cavalgada dos desejos... tropel alucinativo... braços estendidos... braços coleantes... braços hirtos... braços frouxos, caidos, abandonados... mãos tremulas... colos nus... seios turgidos... pernas... ancas estatuarias... gritos selvagens... olhos verdes... tentaculos... sinfonia vermelha... fanfarra da volupia... chamas... venenos... fatalidade... abismos...

....

Tarantula... Aquela aranha venenosa, de corpo grande e esguio, com seus seis membros, tentaculares, suas garras, dissimulada, sem teia, pronta para o ataque, que, segundo as crendices de alguns povos, se fascina com a musica e por obra desta se torna inofensiva... Tarantula, a aranha cuja venenosa mordedura (como, ainda hoje, o pensam as populações rurais da Andaluzia) se cura ao som da musica e do canto...

Alvaro tratou-se... Lembro-me bem: por hipnotismo, por sugestões durante o sono, por sugestões em vigilia... Mas nunca mais voltou a ser o que era — o que era dantes...

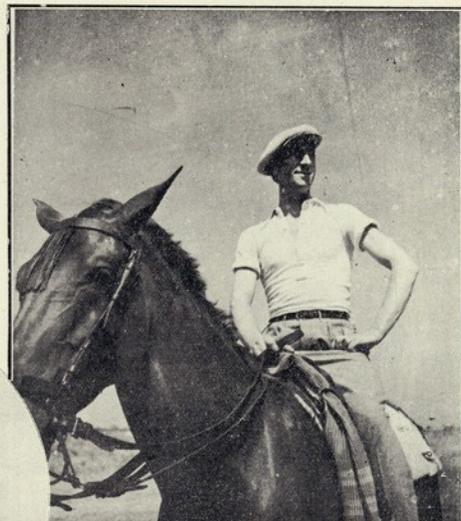
E Pepita?... Não sei... Nunca mais a vi, nunca mais soube dela... Mas tambem nunca a recordo que não me lembre... Braços nus, compridos, tentaculares, braços morenos que fechavam ceus, braços fatais cavando abismos... abrindo precipicios... espalhando trevas... acendendo infernos...

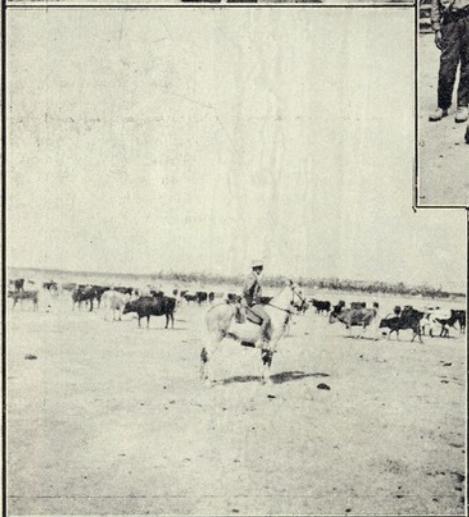
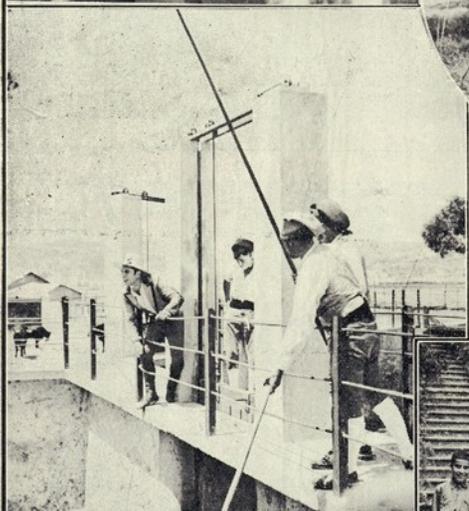
SOBRAL DE CAMPOS.

"GADO BRAVO"

A' esquerda, *de cima para baixo — Antonio Lopes Ribeiro, o realisador, junto do quadro negro, onde estão escritas algumas frases que Olly Gebaner deve pronunciar. As frases, em português, estão escritas num curioso alemão fonético.*

Artur Duarte dirige uma enjaulação.

Raul de Carvalho vigia a manada.

Ao centro — *Raul de Carvalho incarna á maravilha a figura do ribatejano 100 por cento*

Raul de Carvalho com um grupo de crianças que aparece numa graciosa cena do filme.

A' direita, *de cima para baixo— Siegfried Arno gosta de andar a cavalo.*

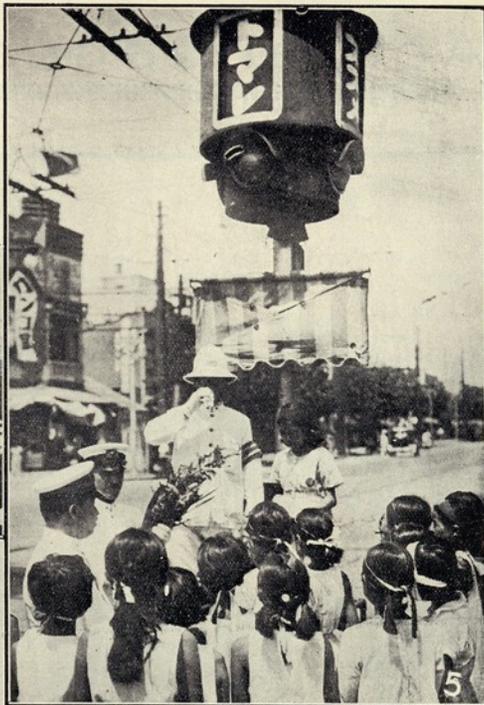
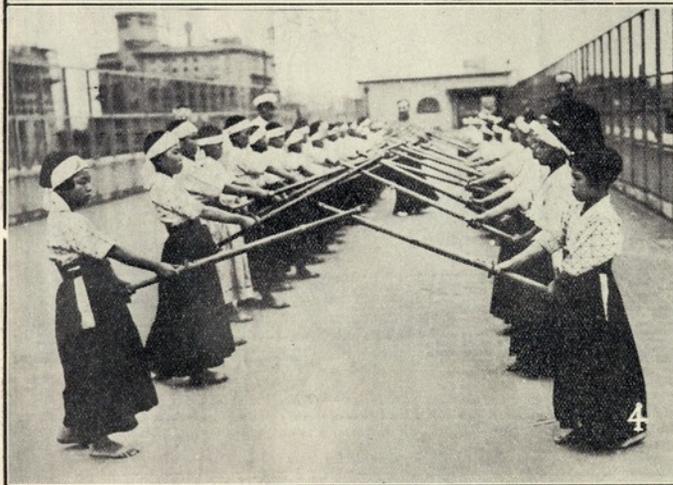
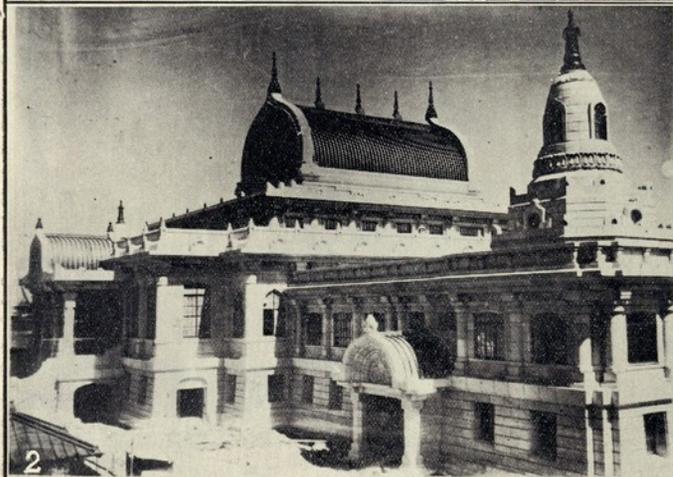
Uma briga entre trabalhadores.

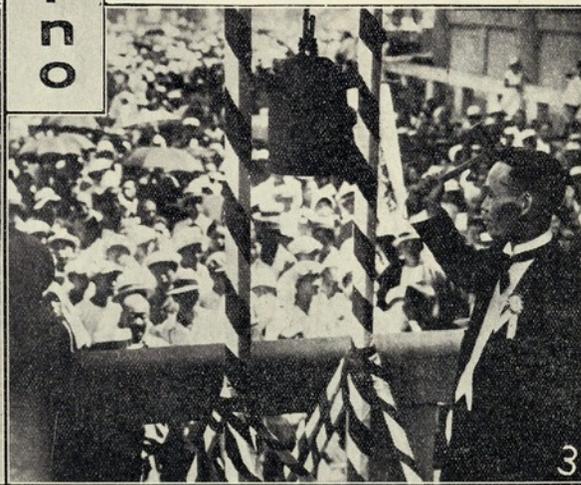
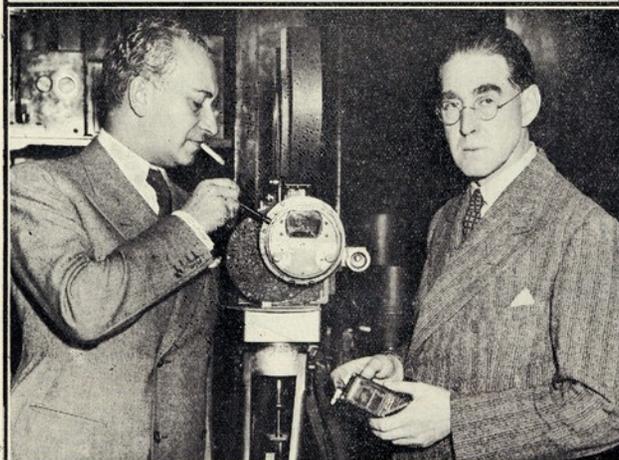
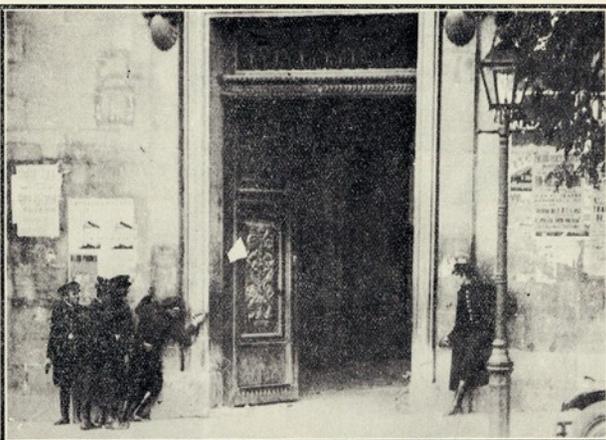
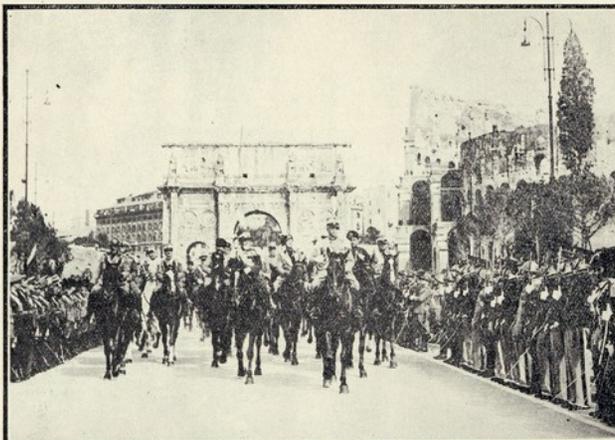
Artur Duarte confia a felicidade da sua pseudo-irmã [Nita Brandão] ao seu grande amigo [este mesmo na realidade...) Raul de Carvalho.

Últimas Modas

Este lindo modelo «tailleur» é de trez peças, de tecido encaastrado, com a blusa jumper de «angora» terminando com um laço no pescoço. O casaco tem ligado á gola larga uma espécie de pequena écharpe. Um chapelinho em turbante dá um belo efeito ao conjunto. Modelo da casa «Debenham and Freebody», de Londres.

Lindo vestido de noite, em setim branco, sem costas, seguro por tiras do mesmo setim franjadas com plumas de avestruz. Modelo da casa Ninette», de Londres.

E' elegantissimo este «ensemble» de visitas em veludo castanho dourado, com regalo em barril e chapelinho guarnecido com pele de marta do Canadá. O corte das mangas é muito original e moderno. Modelo da casa «Debenham and Freebody», de Londres.

O Japão Moderno

1 — No decimo aniversario do grande terramoto que se deu no distrito de Kanto causando enormes perdas de vidas e de riquesas. A comemoração em Tokio. A multidão, junto do Pavilhão da Memoria do Terramoto, prestando homenagem á memoria dos mortos. 2 — Um dos templos budistas, destruido pelo terramoto, agora inteiramente reconstruido. 3 — O Presidente da Camara, sr. Torataro Ushizuka, no dia do decimo aniversario no momento solene de tocar o sino á hora precisa (11 h. 58 m. em que se dera a catastrofe 4 — O Japão introduziu, ha pouco tempo, nas escolas femininas, o ensino da esgrima. Algumas raparigas de uma escola fazendo exercicios com sabres de madeira. 5 — Crianças das escolas primarias, em periodo de ferias, oferecendo ramos de flores e refrescos aos policias sinaleiros que, durante uma terrivel vaga de calor, dirigiram, com abnegação e bravura, o transito das ruas de Tokio.

Actualidades do estrangeiro

Da esquerda para a direita e de cima para baixo — O Rei Victor Manuel III e Mussolini passam revista no dia 29 de Outubro, a 20.000 homens do exercito e dos destacamentos fascistas, que solenisando o 11.º aniversario da Marcha sobre Roma formaram ao longo da Via Dell'Imperio.

Os estudantes da Escola Medica de Madrid declararam-se em greve em 27 de Outubro. A gravura mostra a policia pronta a fazer fogo contra qualquer dos estudantes que tente sair da escola.

Os srs. Daponte (esquerda) e S. J. Cox com um aparelho cinematografico com lente Cinecolor, da sua invenção, para a cinematografia colorida. Qualquer maquina cinematografica com essa lente e filme vulgar tira fitas a preto e branco, mas quando projectadas atravez da mesma lente produzem imagens com as cores naturais,

Uma caixa de venda automatica de jornais, posta como experiencia na Estação de Baker Street, de Londres.

Dois aspectos do terrivel descarrilamento do rapido Paris-Cherburgo, noticiado pelo «Noticias», em que perderam a vida muitas pessoas.

Alma de mulato

Há quem não goste dos mulatos. Há mesmo quem lhes chegue a ter rancor e lhes atribua sentimentos que vão desde o despeito impotente pela negrura da mãi á inveja malfazeja pelo nascimento do pai. Não sei... Tenho conhecido muitos que são excelentes criaturas, pela sua sorte não manifestando outra atitude que não seja a de triste conformação. Dalguns tenho mesmo sido amigo. Um me levou a morte há bem pouco tempo, de cuja camaradagem, caracter e bondade guardo, como por certo guardarão quantos com êle privaram, vivissima saudade.

Sobre estoutro de que me vou ocupar também jamais se levantou voz depreciativa. Muito ao contrário, sempre o seu nome foi apontado como o de um rapaz generoso, dedicado, afavel.

Nascido numa época em que a mulher branca era ainda em Africa pouco menos que uma raridade e, como tantos outros, talvez duma ligação fugidia em que a carne exigente fez esquecer principios e preconceitos, Jeronimo encontrara, porém, sempre no pai um amigo dedicado e um conselheiro benévolo e atento.

Não era o dr. Vieira Brandão pessoa que fugisse á responsabilidade dos seus actos e assim, depois de criar o petiz, cuidara de o preparar para a vida, dando-lhe aqueles elementos indispensaveis para poder singrar com segurança atravez dos mil escolhos que em cada dia surgem ameaçadores ante o navegante descuidoso.

Mandara-o educar em Portugal e agora que o seu espirito se havia esclarecido e alargado, chamara-o para junto de si, para a sua casa, para o seu conforto. Trabalhavam ambos lá em cima, na Beira, naquele velho cartorio por onde diáriamente passavam reus e autores e que a probidade do dr. Brandão soubera tornar um dos mais procurados da cidade.

Não entrava nele o especulador manhoso em busca de habilidosos ganhos, mas o litigante honesto ou o delinquente contricto subiam confiadamente os poucos degraus que levavam á secretaria do conceituado advogado.

No pequenino meio que era então a capital da Companhia de Moçambique não havia lugar para certas reservas, para certas atitudes que a diferença de cor poderia em parte justificar. A necessidade de comunicação e de convivio facilmente fazia esquecer susceptibilidades, aproximando pessoas que noutras circunstancias jamais se encontrariam. Assim foi em todas as colónias, sempre assim há de ser em todos os pontos a que chegue a audácia do homem e onde o interesse pessoal exija a cooperação de estranhos.

Mas o Jeronimo Brandão não era rapaz que se «tolerasse»?

Longe de ser desagradavel, a sua educação, o seu riso franco, a sua alegria comunicativa, a sua modestia, o seu caracter recto, conquistavam todos. No cartorio os clientes, esquecidos dos incidentes e delongas dos pleitos, ficavam-se horas á palestra com o simpático rapaz; os colegas do pai apertavam-lhe solicitos a mão, tratavam-no afectuosamente por tu. Não admira, pois, que Jerónimo Brandão fosse constantemente visto na companhia dos «grandes» da terra e que nalgumas das melhores casas o recebessem com extrema afabilidade. Em semelhante ambiente e, embora modesto, cônscio da sua superioridade sobre tantos outros que diariamente passavam á sua beira impantes de orgulho e de vaidade, que admira que Jerónimo se esquecesse da sua condição e irreflectidamente, imprudentemente, se deixasse um dia tomar do doce devaneio, aspirando a uma ventura que a sociedade, no fim de contas, lhe não sancionaria sem repulsa?

Era o drama de todos os mulatos, o eterno suplicio de Tântalo a que a sociedade egoistamente os condena. Tra-los á vida, cria-os, educa-os á sua maneira, incute-lhes os mesmos hábitos, sujeita-os aos mesmos costumes, suscita-lhes as mesmas necessidades, desperta-lhes os mesmos vicios, e quando os infelizes, por virtude do ritmo de vida adquirido, procuram muito naturalmente realizar as suas legitimas aspirações, apontam-lhes com desdem para a cor... E os pobres mulatos sentem então mais profundamente, mais dolorosamente, a sua desgraça, por lhes haver sido apurada a sensibilidade, educado o espirito, desenvolvida a inteligencia.

Mas a sua revolta ninguem a vê, a sua indignação ninguem a observa, a sua dor ninguem a distingue no côro de vozes que clamam justiça... E os meses passam, e os anos passam, trazendo consigo o esquecimento, talvez a morte...

* * *

Numa das casas que frequentava, conheceu Jerónimo uma gentil rapariga, esbelta e loira, com um lindo sorriso a cativar corações. Chamava-se Maria do Ceu e com todas as suas graças era na verdade um ceu que se abria para o inexperiente rapaz. Ambos novos, ambos cultos, conversavam e riam em excelente camaradagem.

A breve trecho Jerónimo achava-se perdidamente apaixonado, duma daquelas paixões absorventes, dominadoras, que duram a vida inteira. Cedo começaria a pagar as doçuras do seu idilio. Para tanto mais não seria preciso do que um pequenino nada, aquele pequenino grão de areia que paraliza e arruina o maquinismo engenhosamente construido, que destroi num instante a obra de muitos anos. E esse pequenino nada surgiu, o grão de areia caiu na vida do pobre moço com o rigorismo de uma fatalidade.

Ao fim de largos anos de ausencia em Portugal regressara á Colónia Madame Vieira Brandão. Viera acompanhada de seus filhos, dois rapagões simpaticos que traziam no coração e no olhar todo o fogo da boa terra alentejana.

Senhora de grande bondade, muito religiosa e de há muito conhecedora da existencia de Jerónimo — cujos estudos na Metrópole veladamente acompanhara — Madame Brandão nenhuma objecção fez a que se mantivesse o estado de coisas anterior á sua chegada. Jerónimo continuou vivendo em casa do pai, e os irmãos, que via agora pela primeira vez, em breve se lhe afeiçoaram.

Decorreram meses que serviram para aumentar a intimidade entre os diferentes membros da familia. Tudo corria na melhor ordem quando certa noite, depois do jantar, e como que dando seguimento a uma idea que há muito lhe andasse a martelar o espirito, Jerónimo deu a conhecer o seu propósito de pedir em casamento a rapariga que amava. Foi a pequenina faisca que provocou a catastrofe...

De todos era conhecida a sua inclinação por Maria do Ceu; pela cabeça de ninguem, todavia, passara que Jeronimo alimentasse tão atrevidas esperanças... Houve um momento de espanto em que nenhum pensou em dissimular os seus sentimentos e Madame Vieira Brandão, mais nervosa, mais imprevidente, deixou mesmo escapar a palavra irremediavel. Procurou depois atenuar o terrivel efeito da sua expressão, mas era tarde. O mal estava feito, de nada serviam paliativos...

Quando daí a minutos entrou no seu quarto, que umas claras cortinas alegravam, alucinado, febril, o olhar inquieto, a cabeça a arder-lhe numa demencia, o coração a estalar-lhe de dor, os soluços a estrangularem-se-lhe na garganta, Jerónimo era a verdadeira figura do vencido. Num instante compreendera tudo. Esquecera que era um mito a apregoada igualdade de raças, esquecera que nas suas veias girava sangue africano... Como fora louco!... Afinal, de nada serviam educação, caracter, sentimento!... Era o «mulato», havia de ser sempre «um mulato»... Como se atrevera a aspirar á posse de uma branca? Levou as mãos ao rosto de cólera e de humilhação. Atirou-se desesperadamente para uma poltrona e durante horas, durante muitas horas, chorou...

Levantar-se-ia outro homem. Desapareceria ali o rapaz alegre e descuidoso que animava os grupos com a sua presença, para dar lugar a uma criatura diferente, sisuda, sceptica, despeitada.

Tanto pode o desespero. Num momento a sua obra operava-se nefasta, horrivel, fulminante. Morria o homem civilizado, ardoroso, confiante, construtivo; nascia o «mulato» em plena consciencia do seu desgraçado destino: mal com a Africa por amor dos brancos, mal com os brancos por amor da Africa...

A resolução tomada por Jeronimo Brandão a seguir áquela noite fatal em que o seu amor-proprio e as suas ilusões foram tão rudemente feridas, foi a mais inesperada possivel. Adquiriu um pequeno terreno a muitas léguas da cidade e anunciou o propósito de ir para lá viver. Construiria ali uma palhota, arranjaria a sua «machamba», seguiria os usos e costumes do mato. Sua mãi era negra, voltaria para os negros. No seio deles talvez encontrasse a felicidade que os brancos lhe haviam negado, depois de lha terem deixado entrever.

Foi aos irmãos a quem primeiro comunicou os seus designios. Recordaria sempre o seu fraternal convivio, mas compreendia que o lugar dele não era naquela casa. Abria tarde os olhos, mas ainda bastante a tempo para arripiar caminho e enveredar definitivamente por aquele de que nunca devera ter saído. Entre negros a diferença da sua cor seria menos notada...

Não houve forças nem suplicas que o demovessem. Nem os irmãos, a assegurarem-lhe uma amisade inalteravel, nem a propria mãi dêstes a querer reparar o mal que inadvertidamente havia feito, nem o pai a apertar-lhe comovidamente as mãos e a lembrar-lhe o seu amor de tantos anos. Partiu. Sereno, inflexivel, cortez...

Passados os primeiros tempos, só muito de longe em longe se ouvia falar dele. Diziam os raros viajantes daquela região que algumas vezes o tinham visto, ao cair do dia, sentado á porta da palhota, imovel, de olhos fitos no espaço, emquanto grandes nuvens de fumo se lhe desprendiam do cachimbo e se dispersavam no ar tranquilo, como lindas ilusões a desfazerem-se...

E Maria do Ceu? Nos alegres chás das amigas, nas reuniões elegantes do Grémio, ou no segredo da sua alcova, recordar-se-ia alguma vez daquele pobre moço, tão inteligente e tão leal, que pelas tardes discutia com ela sobre livros, sobre musicas, sobre flores? O seu coração pequenino teria alguns momentos batido mais apressado ao saber da nobre, da orgulhosa atitude do desgraçado? Misterio. Pode-se lá jamais perscrutar a alma duma mulher bonita...

XAVIER VALENTE.

ESCUTEM:
O dever de todos os pais...
é velar pela saude dos filhos!
Aproxima se o tempo quente, que depaupera as forças e deprime os organismos, principalmente o das creanças. Antes que ele chegue fortifiquem os seus filhos, dando lhes todos os dias uma ou duas chavenas de
OVOMALTINE
que é a saude
AGENTES:
F. Bridler & C.a Ltd.
Caixa Postal 65
Lourenço Marques

A FESTA
de
Educação Fisica
DO LICEU

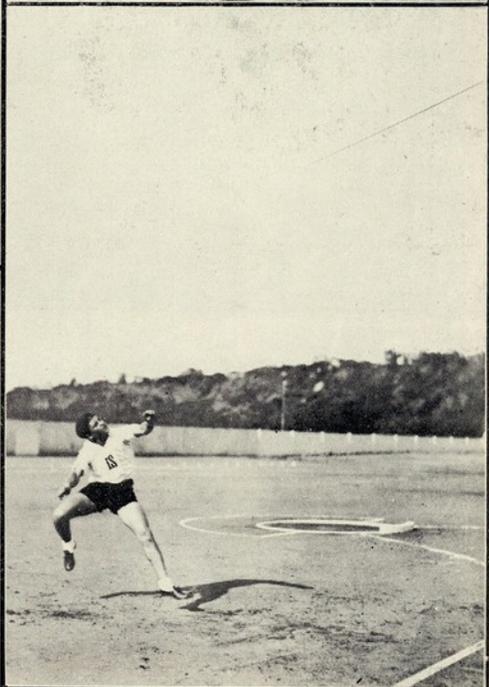
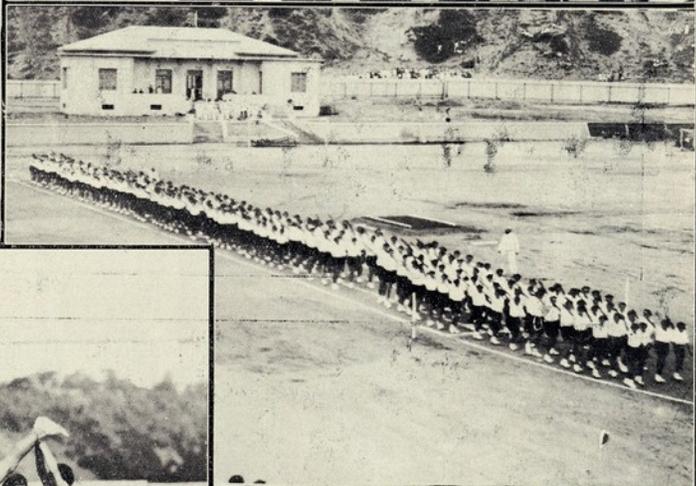
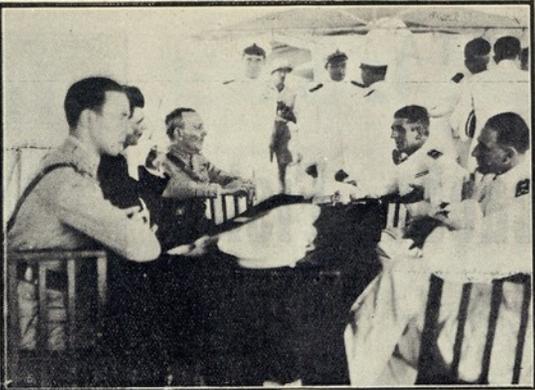
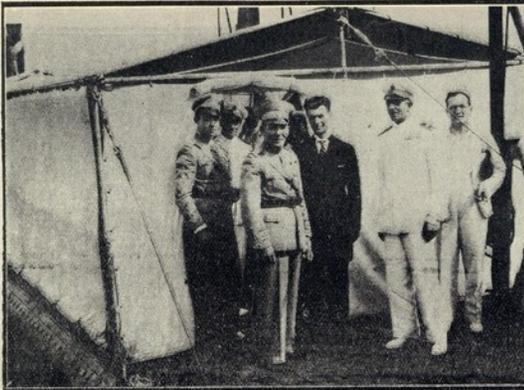
De cima para baixo e da esquerda para a direita: — Um belo quadro no plinto.

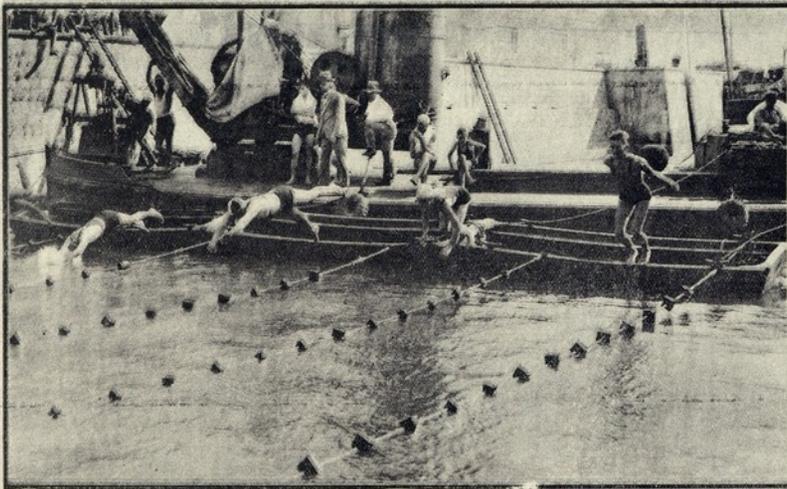
Antonio Barreiros, lança o peso de 5 quilos a 11,m35, batendo o record liceal da Metropole, de 10m,41.

Alguns dos principais vencedores das provas do Liceu.

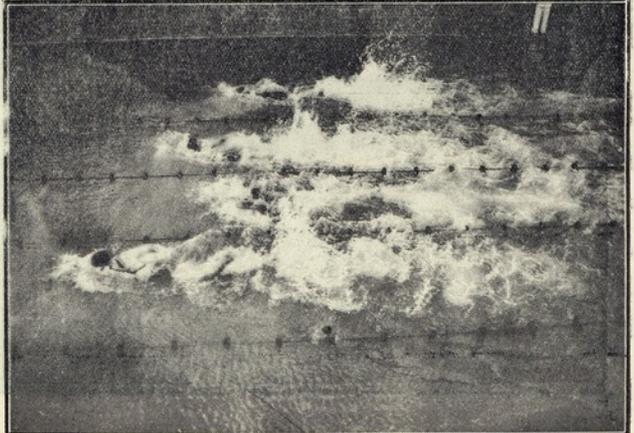
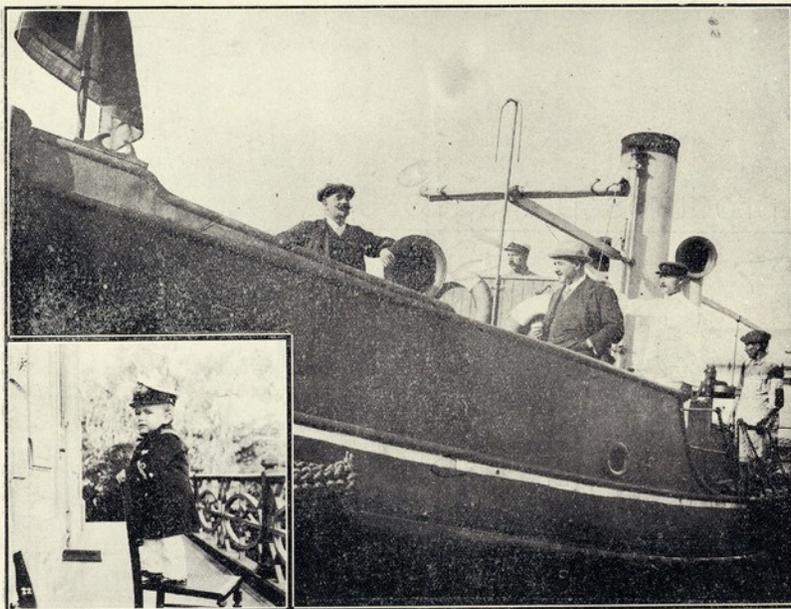
No final da parada de ginástica os alunos do Liceu, desfilando em frente das tribunas, fazem, com imponencia, a saudação olimpica.

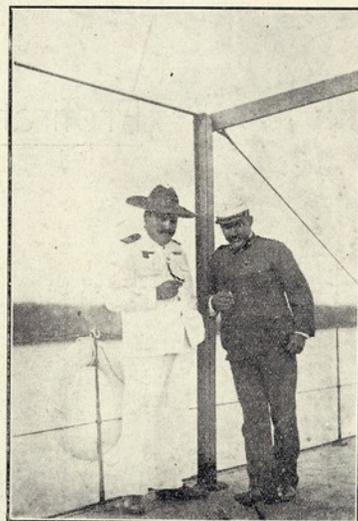
Antonio Lima, vencedor do dardo, lança-o a 40m,93, passando o record liceal metropolitano em 10m,25.

ACTUALIDADES

Dois aspectos da visita do sr. Governador Geral a bordo do submarino «Sciesa».

Os fascistas italianos residentes em Lourenço Marques, que comemoraram no dia 29 de Outubro o XII aniversario da Marcha sobre Roma, na sede do fascio «Umberto Maddalena».

No dia 5 de Novembro realizaram-se na doca, as primeiras provas de natação organisadas pela Associação de Natação de Lourenço Marques, creada recentemente.

Em cima: A esquerda a largada para os 100 metros bruços; á direita os concorrentes Rafael Rijo, «junior» vencedor da prova dos 100 metros livres; Lyndberg, «senior» vencedor da prova de 100 metros livres e Joaquim Sales, vencedor da prova de 50 metros costas.

Em baixo: Um aspecto da puxada nos 100 metros livres.

Arquivando o passado

O sr. dr. Ferreira dos Santos, quando guarda-mor de saude do porto, a bordo do rebocador da Estação de Saude

João Belo Junior, actual capitão do 1.º team de futebol dos «Belenenses», quando se encontrava com seus pais em Vila de João Belo, ha 23 anos.

O sr. Comandante João Belo com o sr. dr. Ferreira dos Santos, no Chai-Chai, em 1908.

1.º PLANO, da esquerda para a direita: Comandante João Belo, Bellegarde da Silva, — (?) — , Freire de Andrade, cap. Maia Loureiro, e Tenente Henrique Eurico da Silva.

2.º PLANO: Tenente Torre do Vale, (actual chefe de gabinete do Governo). Dr. Francisco Ferreira dos Santos, 2.º tenente José Vicente Lopes, Salomão Seruya, Alferes Jorge Castilho, Leopoldo Carlos Madeira (antigo director dos Correios) e Eng. Craveiro Lopes.

3.º PLANO: Monjardim da Costa (dos C. F.), Paulo Ennes (da Alfandega), Ten. Matias, Pinto Oliveira, J. Conacher (veterinario) e G. Provay (da secção de electridade do Porto).